

5

A presença do ideário católico no IPE

Após o período curto da gestão de Lourenço Filho, inaugura-se uma nova dimensão nos trabalhos desse órgão e Everardo Backheuser assumiria a direção do instituto com a tarefa de “colocar as pesquisas sob o signo da eficiência escolar”¹.

Em uma carta escrita em outubro de 1936 por J. P. Fontenelle, chefe da Seção de Medidas e Eficiência Escolares, destinada a Anísio Teixeira, o intelectual traz a notícia do novo caráter que havia sido impresso nas ações do IPE naquele período. Fontenelle lamentava ver “esboçar-se a obra do Instituto de Pesquisa” que havia se tornado “completamente “padrificado”² naqueles tempos difíceis.

De fato, o IPE passou a ser ocupado por intelectuais do clero e do grupo de laicato católico e começou a compor as páginas da Revista Brasileira de Pedagogia (RBP) com notícias e resultados de pesquisas desenvolvidas no período de 1936 a 1938. Essa Revista, destinada a professores católicos, assumiria, entre os anos de 1934 e 1938, uma grande expressão no cenário educacional, principalmente por ter se tornado a publicação oficial da Confederação Católica Brasileira de Educação (CCBE)³.

De acordo com Sgarbi, esta Confederação, preocupada menos com as questões teóricas e mais com as práticas, “levou os educadores católicos a manter um diálogo com o mundo moderno”, proporcionando uma reflexão a partir da prática e construindo assim algo novo (SGARBI, 1997, p. 143).

O debate sobre a intervenção dos católicos na configuração e difusão da pedagogia da Escola Nova no Brasil se torna pertinente neste capítulo, diante da

¹ Seção notícias da Revista Brasileira de Pedagogia, v. VII, ano 3 n. 30, 1936 (p. 387).

² Correspondência escrita por J.P. Fontenelle à Anísio Teixeira. Arquivo Anísio Teixeira. CPDOC/FGV ATc 1936.10.15 rolo 37 (f 0942)

³ Fundada em 1933 por Everardo Backheuser, após a saída do grupo dos católicos da Associação Brasileira de Educação (A.B.E.), esta confederação constitui-se como “organismo centralizador do movimento católico pelo ensino, para o efeito de articular o trabalho geral, reunir ideias e encaminhar tecnicamente a ação comum, sem desperdícios de energias, reconhecendo que só assim será possível a difusão no Brasil, da escola católica de todos os graus” (PENA Apud CARVALHO, 2003, p.111).

análise que se pretende elaborar sobre o IPE no ano posterior a 1936. De antemão, cabe chamar atenção para algumas leituras edificadas pela historiografia brasileira. Certamente, na década de 1930, a crença na escolarização e no horizonte que se propunha para a modernização do Brasil havia sido enriquecida por debates ora consensuais, ora divergentes, principalmente quando o tema em questão eram os fins a serem atingidos por intermédio da escola. A análise das divergências entre intelectuais frente ao projeto de formação de um sistema de ensino na década de 1930 demanda um olhar mais detalhado.

De acordo com Strang (2008, p. 32), durante anos tem-se “atribuído a Fernando de Azevedo a responsabilidade pela cristalização de uma imagem construída em relação ao movimento educacional da década de 1930”. Essa imagem evidencia a existência de dois grupos: o dos renovadores, “arejados, modernos, filiados ao ideário pedagógico da Educação Nova” e o dos católicos, “retrógrados, tradicionalistas e conservadores” (id).

Como afirma Carvalho (2003, p. 104), ambos se apresentavam de maneira antagônica apenas diante de seus debates doutrinários, que tinham como questão principal “ganhar a adesão do professor à boa pedagogia”. Sgarbi (1997, p. 166) nos chama atenção para o grupo dos católicos e afirma que este não apenas contribuiu para a difusão da Escola Nova, mas dialogou com a cultura moderna no campo educacional, chegando “a construir, a divulgar e a vivenciar um escolanovismo próprio, ou seja, um escolanovismo católico”. Ao analisar esse período, Strang (2008) parte do princípio que o grupo dos católicos não se constituiu de forma homogênea e nem tampouco assumiu características de reacionários e conservadores, como afirmará Fernando de Azevedo em sua obra “Cultura Brasileira” (1958). Para a autora (2008, p.190), os preceitos e fundamentos da Igreja eram elos que conectavam os intelectuais católicos, mas as divergências significativas no interior deste grupo são possíveis de serem identificadas na doutrina e na “apropriação da Nova Educação: da sua concepção filosófica”.

De modo particular e heterogêneo, o grupo dos católicos tinha “valores e normas compartilhados” que se constituíram como eixos importantes de coesão (STRANG, 2008, p.189). No entanto, existiam projetos em disputa dentro do

próprio grupo, principalmente quando se tratava da construção de um sistema de ensino mais abrangente “que respondesse às novas necessidades sociais”.

Foram várias as estratégias que buscavam orientar o professor na apropriação do escolanovismo, Carvalho (2003) e Strang (2008) destacam a circulação dos impressos entre o grupo dos católicos e dos pioneiros e os apontam como “dispositivos de configuração do campo da pedagogia e de conformação das práticas escolares” (CARVALHO, 2003, p. 104).

Uma vez considerada a intenção de controlar a “sedução” exercida pelos novos modelos de ensino sobre o professorado, o grupo dos católicos conseguiu êxito, “atingindo não somente as práticas dos professores das escolas católicas, mas também as do professorado católico das escolas públicas” (CARVALHO, 2003, p. 103).

Partindo da perspectiva acima e diante da expectativa de compreendermos o período em que o IPE teve como diretor Everardo Backheuser, elegemos como fonte para nossa análise a Revista Brasileira de Pedagogia (RPB), impresso que acabou sendo o veículo responsável pela divulgação das ações desse órgão entre os anos de 1936 e 1938.

5.1.O IPE na Revista Brasileira de Pedagogia

A Revista do ano de 1936, por intermédio de sua seção de “notas e notícias”, anunciava que o IPE já estava “em plena atividade”:

O Instituto de Pesquisas Educacionais, do Distrito Federal, por uma série de circunstâncias que não vêm ao caso examinar, arrastou, até bem pouco, uma existência apagada e precária, não faltando quem desejasse a sua extinção, dada a sua aparente inutilidade. Não vinha podendo corresponder ao seu lindo nome, sinônimo de vida e agitação. Foi quando assumiu a sua direção Everardo Backheuser⁴.

De acordo com a notícia, havia sido uma “lembrança feliz do Dr. Francisco Campos” chamar para a direção deste Instituto o professor Everardo Backheuser. E a nota assim continuava traçando elogios ao novo diretor: “pena que já não tivesse pensando no batalhador incansável, mestre em trabalhar e fazer

⁴ Seção “notas e notícias” da Revista Brasileira de Pedagogia, v. VII, ano 3 n. 30, 1936 (p. 387).

trabalhar”, que ao ter se convertido “à pedagogia trouxe para o setor educacional os seus hábitos de cientista e o seu calor de apóstolo”⁵.

Após enaltecer Backheuser, a notícia tratou de ocupar as suas três breves páginas com as novas ações e propostas do novo diretor para o IPE. Assim, “seus primeiros passos no Instituto de Pesquisas foram em torno das escolas experimentais”⁶. O objetivo principal de Backheuser era compreender os trabalhos que estavam sendo desenvolvidos nessas escolas, “buscando explicações claras sobre os ensaios tentados e demonstrações reais do resultado obtido”. Para tal fim, criou, já no primeiro mês de sua gestão, uma “comissão para tratar do assunto sobre as instituições escolares”. A comissão era composta pelos seguintes integrantes: Alcina Backheuser, esposa de Everardo; Alba Nascimento, chefe da seção “Paz pela Escola”; Ignácia Guimarães, chefe da SPAE; Arthur Ramos, intelectual responsável pela SOHM; Padre Helder Câmara, chefe interino da SMEE. Todos ficariam encarregados de analisar as cinco escolas experimentais, estabelecendo assim uma comparação com algumas escolas do DF:

O Distrito conta com cinco escolas experimentais que vêm funcionando sem finalidade clara, vivendo por viver. Provavelmente bem ou mal as experiências promovidas? Devem todas as escolas viver sob o regime dos projetos? O sistema Platoon deve ser generalizado? O que dizer do plano Platoon?

Everardo Backheuser comparou os resultados dos testes das escolas experimentais com duas escolas circunvizinhas, de idênticas condições sociais⁷.

Nesse primeiro tempo da gestão de Everardo, o IPE buscou organizar um inquérito para todas as escolas do DF. Os resultados seriam analisados pela comissão recém-criada para que houvesse uma “sistematização inteligente das instituições escolares e de seu funcionamento”⁸. As análises referentes a esse inquérito foram publicadas na RBP, número 32, no ano de 1937. Para Backheuser (1937a, p. 4), as experiências realizadas nas escolas experimentais haviam sido planejadas “sem o rigor científico”, o que acabou resultando na “impossibilidade de apurar os resultados”.

⁵ Seção “notas e notícias” da Revista Brasileira de Pedagogia, v. VII, ano 3 n. 30, 1936 (p. 387).

⁶ Id. P, 387

⁷ Id, p. 387.

⁸ Op.cit. p.388

Possivelmente, as práticas desenvolvidas nas escolas experimentais sofreram orientações distintas, principalmente após a saída do grupo de Anísio da gestão da educação pública do Rio de Janeiro. Algumas escolas tiveram o seu projeto inicial enfraquecido, outras buscaram seguir as orientações do novo gestor do IPE, como foi o caso da 5ª escola experimental, a Escola México. Buscaremos tratar desse tema na próxima seção deste capítulo, mas consideramos pertinente primeiro analisarmos algumas mudanças no IPE que foram noticiadas pela RBP naquele artigo de 1936.

De antemão, cabe chamar atenção para um ponto de análise interessante, que reforça a centralidade do IPE nas ações do grupo dos católicos, no ano posterior a 1936. Como já mencionado anteriormente, a RBP nasce com o “preceito de divulgar os preceitos ordenados pelo sumo pontífice” (STRANG, 2008, p. 107) e, do mesmo modo, como um estratégia de disseminação de uma doutrina pedagógica em consonância com a Igreja católica. Assim, como nos indica Sgarbi (1997), a Revista se propunha a propagar os aspectos pedagógicos, filosóficos, resenhas, comentários, que tratavam o cotidiano dos educadores e das escolas associadas à Confederação.

Gostaríamos de dar destaque à seção “Pesquisas Educacionais”, que surge naquele ano de 1936. Strang (2008, p. 140) afirma que essa parte da publicação surge tardiamente em comparação com as outras seções. Para essa autora, “é lícito supor que haja sido criada com o fim exclusivo de divulgar as experiências do Instituto, uma vez que Everardo dirigia simultaneamente esta entidade e o CCBE”. De fato, localizamos ao longo de nossa investigação, publicações com os resultados de pesquisas realizadas ao longo da gestão de Backheuser. Nesse sentido, consideramos que a inauguração da seção Pesquisas Educacionais, na RBP, um indicativo da representatividade dada a esta instituição pelo grupo dos católicos.

No entanto, diante do surgimento das novas doutrinas, como se estruturam os trabalhos das seções do Instituto? Houve alguma mudança no estatuto de funcionamento do IPE? Sendo a Revista um referencial privilegiado de análise das ações empreendidas pelo IPE, foi possível localizar em suas páginas uma chave de análise bem interessante sobre as atribuições dessa instituição, durante a gestão de Everardo Backheuser.

A SPAE ganha destaque já no início da seção “Notas e Notícia”, em agosto de 1936. A partir daquele momento, a preocupação do IPE passava a ser, de acordo com aquela nota, desenvolver “o auxílio a prestar às famílias na obra educacional”. Partindo dessa perspectiva, o comunicado trata em um único parágrafo da importância desse setor, principalmente a sua nova missão de elaborar “um programa de Economia Doméstica para beneficiar os lares”⁹, tema considerado de extrema necessidade que até então não havia sido pensado pelo IPE:

Os modernos programas de ensino, lamentavelmente, vêm esquecendo os aspectos de economia doméstica que os velhos programas timbravam em focalizar. O Dr. Everardo Backheuser que ama o novo, mas não despreza o antigo quando o antigo é bom, faz, no momento, a Seção de Programas elaborar o programa de Economia Doméstica¹⁰.

Ou seja, algo totalmente novo frente ao que a SPAE vinha desenvolvendo em anos anteriores.

Outras seções também recebem destaque naquela parte da Revista, “Notas e Notícias”. A seção de Antropometria, por exemplo, ganha visibilidade por intermédio de seu chefe, Dr. José Basto D’Avila, que teria como nova incumbência a elaboração de um inquérito sobre o “estado de nutrição” dos alunos. Apesar de anunciar um objetivo diferente para aquele ano, essa seção apresentou certa continuidade dos trabalhos que eram desenvolvidos em anos anteriores. Localizamos na RPB publicada no ano de 1937¹¹, um artigo escrito por D’Avila que apresenta o resultado de uma pesquisa realizada com os alunos nas escolas experimentais. O artigo, “os tipos de Kretschmer na infância escolar”¹², traz a análise das partes do corpo dos estudantes - o peso, a estatura, o perímetro

⁹ Seção “notas e notícias” da Revista Brasileira de Pedagogia, v. VII, ano 3 n. 30, 1936 (p. 388).

¹⁰ Id, p. 388.

¹¹ Publicação de Julho a Agosto (n. 36).

¹² Estudo elaborado pelo alemão Ernst Kretschmer, que buscava classificar os seres humanos a partir dos seus aspectos corporais. De certo modo, o objetivo era buscar relações entre as características físicas dos indivíduos e os traços de personalidade. O artigo publicado pela RBP apenas apresenta os traços físicos dos estudantes de acordo com a tipologia de Kretschmer, mas não busca analisar outras dimensões dos alunos (personalidades, perfil psicológico etc).

torácico e a parte pélvica - trabalho que de fato já vinha sendo realizado desde o ano de 1935, em conjunto com a SOHM¹³.

No caso da SOHM, o interessante foi observar a pequena referência dada a essa seção. Foi publicada uma pequena nota elogiando a importância do inquérito “sobre a influência do cinema na psicologia da infância e adolescência”¹⁴. Não foi possível localizar nenhuma publicação do chefe dessa seção, Arthur Ramos, na Revista.

A seção “Paz pela Escola” também é alvo de notícia para a RBP. A comunicação traz como informação os trabalhos desenvolvidos pela Professora Alba Nascimento, reconhecida como a “ministra do exterior do Instituto de Pesquisas”. A nota trata de forma bem objetiva da pertinência dos trabalhos realizados pelo setor:

Conferências de brasilianidade, americanismo e fraternidade não se realizam entre nós, sem o concurso da Seção Paz pela Escola. [...] Na hora de patriotismo intenso que vivemos. A seção de brasilidade e civismo do Instituto de Pesquisas Educacionais esta plenamente à altura de sua grande missão”¹⁵.

Já a SMEE é colocada em maior evidência naquela seção de notícia. Esse setor do IPE acabou tendo o privilégio de ter seus trabalhos apresentados de modo mais detalhados em outros números da RBP. Com a chegada de seu novo responsável, o Padre Helder Câmara, os inquéritos dessa seção ganharam uma notoriedade por intermédio da Revista.

A primeira nota sobre a SMEE anuncia as pesquisas e os estudos que seriam realizados sobre as seguintes temáticas: “os testes ABC”, “maturidade e aproveitamento escolar”, a homogeneização das turmas, a “opinião do professor sobre os alunos”, a “correlação entre as matérias do programa escolar” e o regime escolar de horários e processos de disciplinas”¹⁶. Ao que tudo indica, houve uma

¹³ No Arquivo pessoal de Lourenço Filho referente ao IPE, localizamos um breve relatório escrito por Dr. Basto D’Ávila que nos informa que no ano de 1936 “o serviço de Antropometria, de acordo com a Seção de Ortofrenia, vem realizando uma série de pesquisas em torno dos tipos de Kretschmer” (Arquivo Lourenço Filho. CPDOC/FGV LFI IPE – 11.03.1932 a 23.04.1936(f0011)).

¹⁴ Seção “notas e notícias” da Revista Brasileira de Pedagogia, v. VII, ano 3 n. 30, 1936 (p. 388).

¹⁵ Id, p. 388.

¹⁶ op. cit. 1936, p. 389.

continuidade dos trabalhos que já vinham sendo desenvolvidos em anos anteriores por esse mesmo setor.

Localizamos, no ano de 1937, alguns artigos sob a chancela da SMEE e assinados por Jacyr Maia¹⁷. Esse autor trabalhava ainda como estudante quando chegou ao IPE, no ano de 1933. Assumiu uma maior posição no Instituto quando Padre Helder Câmara passou a chefiar a seção. Acabou se tornando o maior responsável por esse setor, pois assinou praticamente todas as publicações referentes à SMEE na RBP.

O primeiro texto com a assinatura de Jacyr Maia que localizamos na RBP apresenta o resultado de uma pesquisa realizada nas escolas públicas do DF sobre o “Teste do ABC”, de Lourenço filho. Naquele mesmo ano, Maia assina outros dois artigos correlacionados aos IPE: um referente aos dados sobre o teste de matemática aplicado as crianças da quinta série e outro artigo sobre as lições de “Estatística Aplicada a Educação” as quais faziam parte de um dos cursos de aperfeiçoamento pedagógico promovidos pela SMEE. Na Revista de número 35, em junho de 1937, localizamos mais uma publicação de Maia, agora sobre resultados de pesquisas referentes ao tema: “Linguagem na Escola Primária”¹⁸.

Já na Revista lançada no ano de 1938, identificamos outros trabalhos referentes a esse mesmo setor como, por exemplo, os “resultados da promoção de 1937 nas escolas primárias municipais”, os resultados sobre o inquérito referente “ao teste de promoção e o professorado” e um artigo que trata sobre “os testes e as dificuldades escolares”, todos promovidos pela SMEE e assinados pelo professor Jacyr Maia¹⁹.

A quantidade de artigos da SMEE publicados por essa Revista, de longe, supera o número de publicações referentes às outras seções. Esse fator poderá ser um indicativo de um movimento que se buscava firmar dentro do IPE.

No capítulo desta tese referente ao IPE, foi possível localizar o caráter híbrido das atribuições do IPE, nos anos iniciais de seu funcionamento. Por um lado, a instituição desenvolvia ações de cunho executivo buscando uma maior

¹⁷ No ano de 1944, foi chamado para assumir a chefia da Seção de Orientação e Seleção Profissional do INEP.

¹⁸ MAIA, Jacyr. Análise estatística dos testes de matemática de 1936. Revista Brasileira de Pedagogia. Vol. 7, n. 34, 1937.

¹⁹ Revista Brasileira de Pedagogia. Vol.10, n. 41, 1938.

intervenção no sistema de ensino do DF; por outro, desenvolvia pesquisas na expectativa de criar subsídios para esse mesmo sistema. Nesse sentido, pelo teor das publicações encontradas na RBP referentes ao IPE é possível considerar certo deslocamento nas atribuições do IPE. Ao que tudo indica, o novo gestor, Everardo Backheuser, buscava consolidar, pela via da RBP, uma imagem de um órgão voltado para a elaboração de pesquisas educacionais, fortalecendo assim a dimensão consultiva dessa instituição.

A hipótese acima também poderá ser comprovada pela análise de outras mais publicações que localizamos na RBP referentes ao IPE.

O anúncio de uma nova pesquisa sob a chancela do IPE é feita ao final na seção “Nota e Notícias”, de 1936. Uma ação inédita para aquele órgão. Pretendia-se promover um inquérito sobre o canto do hino nacional nas escolas. De acordo com a nota:

Agora que o canto foi decretado, é curioso indagar se o objetivo de amor a pátria deve fazer esquecer as preocupações do canto apurado, ou se, ao contrário cantar bem nosso hino deve ser cuidado dominante, ou ainda se é um mal banalizar o hino da pátria, vulgarizando-o em repetições de cada instante²⁰.

Na Revista do ano de 1937, localizamos, na seção de “Pesquisas Educacionais”, o resultado desse “inquérito sobre o modo de encarar o canto do hino nacional”. O artigo, assinado pelo próprio diretor do IPE, mostra que a investigação havia sido realizada por intermédio de um “inquérito social”. Apesar de o autor não explicar de modo específico como se deu a metodologia dessa pesquisa, Backheuser afirma que esse tipo verificação era “um meio de sondar a opinião pública” e representava, “portanto, um dos métodos de trabalho da sociologia aplicada” (BACKHEUSER, 1937c, p. 47).

Ao reconhecer o caráter inédito da pesquisa sobre o canto do hino nacional, o diretor justificava, naquele mesmo artigo que, ao assumir o IPE, tornava-se claro em seu pensamento, a fomentação de investigações que deveriam “referir direta ou indiretamente aos problemas educacionais”, sendo esse o “único campo daquele instituto”. Entretanto, “a título de ensaio”, resolveu promover o inquérito sobre o “o modo de encarar o canto do hino nacional” nas escolas, o que representava na concepção de Backheuser (1937c, p.49): “uma primeira sondagem

²⁰ Seção “notas e notícias” da Revista Brasileira de Pedagogia, v. VII, ano 3 n. 30, 1936 (p. 390).

no meio social carioca, para verificar seu modo de reação a pesquisas dessa natureza”. Para aquele autor, uma vez obtido êxito nessa ação, poderia o IPE “lançar no futuro a empreendimentos de maior envergadura”.

De modo curioso, o inquérito havia sido proposto após a “controvérsia estabelecida sobre o canto do hino nacional nas escolas”. De acordo com o autor, “o movimento comunista de fins de 1935 pusera em foco o problema do canto do hino nacional nas escolas públicas” e o parlamento havia votado “um projeto de lei logo sancionado pelo Sr. Presidente da República”. Afirmara o diretor do IPE, no entanto, apesar dos atos oficiais: “era fácil identificar a existência de fortes divergências na opinião pública, divergências que se prestavam, portanto, magnificamente a um inquérito social”²¹.

Segundo o autor, o inquérito foi proposto entre “grupos sociais ecléticos”: músicos, artistas, literários, militares, “elementos das representações liberais”, professores, institutos e associações sociais, “vozes femininas”, sociólogos etc, e das 236 pessoas selecionadas, apenas 68 responderam ao inquérito. A maioria (40 pessoas) escolheu a opção “A” do questionário:

O hino nacional deve ser ensinado principalmente sob o ponto de vista cívico. Cumpre, pois, dizem, seja entoado, por todos os alunos, no início das aulas, no momento do hasteamento da bandeira, ainda que sujeito a erros técnicos na música ou a deturpações da letra, dada a possível inexistência de preparo especializado. Cantando diariamente, nas escolas, o hino nacional, letra e música, cairão no ouvido e permanecerão na memória dos alunos o que lhes garantirá a aptidão de cantá-lo em qualquer momento, embora sem perfeição.

Outras duas publicações localizadas durante a elaboração desta tese, de certo modo, deflagram o andamento da institucionalização das pesquisas em educação, no período, e o desenvolvimento das ações do IPE. O primeiro artigo foi assinado por Gil Seabra²² e será tratado a seguir, o segundo foi escrito por Everardo Backheuser e virá na sequência.

²¹ Id, p. 49

²² Durante nossa pesquisa, não foi possível localizar a trajetória profissional de Gil Seabra e, nem tampouco, contextualiza-lo no grupo dos católicos. Frente a estas dificuldades. Fica aqui em aberto esta questão sobre a identidade deste autor e se ele não poderia ser o pseudônimo utilizado por algum intelectual católico que não queria se identificar nesta publicação.

Em maio de 1937, continua em destaque o IPE nas páginas da RBP. Gil Seabra, em uma artigo cujo título é “Do espírito científico e seus princípios”²³ traz um panorama das dificuldades encontradas para instaurar o “espírito científico” no Brasil na década de 1930.

Nas palavras do autor:

Não será fácil à pedagogia atingir de um golpe o espírito científico. Nem qualquer ciência conseguiu isto velozmente. Há de se caminhar passo a passo para transpor o empírico e chegar ao domínio das doutrinas pacíficas. Nós no Brasil [...] apenas substituímos Pestalozzi e Heberet (que digo? Comenius?) por Dewey e Kiepatrick.

Em geral aqui prefere-se perder tempo batendo cabeça de encontro as paredes a seguir a traça de um plano lógico. Ao ver-se esboçado por alguém qualquer projeto com feição científica, mesmo rudimentarmente científica, o primeiro ímpeto é rasgá-lo, deitá-lo fora, para que nunca penetre tal espírito no regime escolar brasileiro (SEABRA, 1937, p. 351).

Após apontar para algumas dificuldades, o autor continua o seu relato chamando atenção para o trabalho desenvolvido por Anísio Teixeira que, para Seabra, havia sido a exceção:

Tantas vezes temos discordar do Sr. Anísio Teixeira, que não será tomada como lisonja a inscrição de seu nome, ao lado de Lourenço filho, Carneiro Leão e outros, no número dos poucos que no Brasil desejaram introduzir o espírito científico em pedagogia²⁴.

Mesmo reconhecendo as divergências com “aquele pedagogo”, que haviam ocorrido principalmente em função da “orientação filosófica”, Seabra, “sem ódios e sem rancores”, busca elogiar as “construções” empenhadas no Distrito Federal por Anísio Teixeira em seu artigo:

Entre as tentativas de introdução do espírito científico em pedagogia hão-de ser escrituradas: a criação do Instituto de Pesquisas, a instalação de escolas experimentais, a reorganização do Instituto de Educação.

Certo não se pode dizer que o IPE e as escolas experimentais tenham tido o surto científico que delas era lícita esperar. Não. Há, quer em um, quer em outro desses organismos, falhas básicas, de modo a se terem tornado aleijadas as experiências e incompletas ou ineptas as pesquisas. São porém falhas inevitáveis em uma primeira tentativa, principalmente, se considerarmos a adversidade do meio. O Sr. Anísio Teixeira as cometeu, a qualquer outro teria acontecido o mesmo,

²³ SEABRA, Gil. Do Espírito científico em pedagogia. Revista Brasileira de Pedagogia. v.7, n. 34, 1937.

²⁴ Op.Cit., p. 352.

Vendo as linhas gerais, ele se esqueceu dos detalhes. E os detalhes são a essência em casos tais.

Foi sem dúvida, um passo agigantado que seria bom não destruir. Conservar melhorando, retocando, limando as rebarbas, mas deixando o arcabouço (SEABRA, 1937, p. 352).

Seabra ainda argumenta que o detalhe que faltara a Anísio foi o fato do educador não ter regulamentado as escolas experimentais. Ou seja: para esse autor, elas deveriam ter sido “devidamente controladas”, mas acabaram se transformando em “experiências”, em apenas “especulação dos métodos”.

O autor, antes de finalizar o seu artigo, orienta que deveria ser retirado do IPE “tudo aquilo que não for pesquisa” e, do mesmo modo, que “fossem inauguradas as seções que foram esquecidas” ao longo dos anos. Assim, justifica Seabra (1937, p.353), “teremos dado um grande avanço no sentido de dar ao sistema escolar carioca o espírito científico. Façamos isto, mas demos a César o que de César”.

O artigo seguinte, de título “O Espírito Científico em Pedagogia” era de autoria do próprio diretor do IPE (BACKHEUSER, 1937b) e segue a mesma linha de análise daquele escrito por Gil Seabra, porém com uma “tom” mais didático, o outro autor identifica as dificuldades da Pedagogia de se tornar uma “ciência propriamente dita”.

Segundo Backheuser (1937b, p. 477), a pedagogia “já possuiu alguns princípios de doutrina suficientemente pacífica, isto é, aceita por toda a gente [...] independentemente da timidez das experimentações pedagógicas e da fisionomia científica”. Assim, continua o diretor do IPE, “longe do rigor das outras ciências”, a pedagogia vem caminhando lentamente no sentido de se tornar uma ciência aplicada. Para o autor, no Brasil, ela vinha se esboçando “timidamente” e no caso do DF, “mal” consegue esboçar “as suas intenções com o Instituto de Pesquisas Educacionais e de certo número de Escolas Experimentais, os quais por motivos diversos não puderam ter o surto que era lícito esperar”.

Os dois artigos acima corroboram com as análises que pretendemos construir sobre o IPE no período sob a gestão de Backheuser. No nosso entendimento, as orientações do diretor iam para a direção da construção de uma nova imagem do instituto. Provavelmente, o que se objetivava era a criação de uma instituição de pesquisas que fosse desvinculada do caráter administrativo que

havia sido impresso em anos anteriores. O mais interessante foi identificar nas orientações de Seabra a proscrição de tudo aquilo que não fosse pesquisa. Será que esse autor em seu artigo referia-se, de modo indireto, a Divisão de Obrigatoriedade Escolar e Estatística (DOEE)?

Ora, o curioso foi observar que não há referências sobre o DOEE nas páginas da RBP. Já no relatório escrito por Gustavo Lessa (ex-diretor do IPE na época de Anísio Teixeira), no início do ano de 1936, há a indicação da retirada da DOEE do IPE. De acordo com Lessa:

Julgo que esta Seção poderá ser integrada, com vantagens na Secretaria do Departamento de Educação. O Instituto de Pesquisas, para poder desempenhar sua missão essencial, deve ser desembaraçado dos trabalhos puramente administrativo, análogos aos que são executados nesta seção. Toda intenção de pesquisa que se tenha tido seria submergida no oceano de anotações dárias a serem feitas²⁵

Como a divisão apresentava um caráter mais “administrativo”, provavelmente, na concepção daqueles que a partir de 1936 tiveram uma maior gerência sobre o IPE, a DOEE não poderia mais fazer parte das atribuições de um órgão que passaria a ter funções consultivas para educação.

Outras publicações com resultados sobre os inquéritos realizados pelo IPE também foram localizados nas páginas da Revista no ano de 1937. Na seção de Psicologia Educacional, por exemplo, Everardo Backheuser (1937d) assina o artigo com o seguinte título: “Os testes no ensino religioso”, em que o autor trata do problema dos testes nas escolas e, para tanto, apresenta “um ensaio de promoção baseado em um tríplice critério: a opinião do professor, a prova subjetiva (exame) e o teste”. Esse inquérito foi realizado pelo IPE no final de 1936 e, de acordo com o autor, o objetivo era que o professor entendesse, a partir dos resultados, que “o depoimento da estatística é bastante interessante e pode servir de guia para o leitor que se quiser decidir entre julgamentos objetivos (testes) e julgamentos subjetivos (exame e opinião do professor)”.

Naquele mesmo número de 1937²⁶, agora na seção “Pesquisas Educacionais”, localizamos o artigo sobre “Inquérito sobre exequibilidade dos

²⁵ Relatório apresentado ao Sr. Diretor do Departamento de Educação pelo Ex-diretor do Instituto de Pesquisas Educacionais, professor Dr. Gustavo Lessa. . Arquivo Lourenço Filho. CPDOC/FGV LFI IPE – 11.03.1932 a 23.04.1936 (f0014)

²⁶ Revista Brasileira de Pedagogia. V. 8 n. 38-39, 1937.

programas das escolas públicas primárias do Distrito Federal”, organizado por Rita Anil de Rialva. O inquérito tinha como objetivo verificar a opinião do professorado sobre a exequibilidade dos Programas Mínimos nas escolas. Foram entrevistadas 126 pessoas, entre diretoras de escolas e professoras, e as conclusões apontam para a exequibilidade dos programas que haviam sido adotados nas escolas no ano de 1936 e indicam que os únicos obstáculos para a viabilização de um programa mínimo nas escolas seriam “os defeitos do sistema de promoção e o número excessivo de alunos em cada turma” (1937, p.206).

De acordo com Strang (2008, p. 141), “em 1937 já se observa uma ligeira mudança no formato da Revista” As colunas como as de “Pesquisas Educacionais”, “Psicologia Educacional”, “Sociologia Educacional” ser tornaram mais frequentes. Para a autora o espírito de ciência continuava ditando as regras da pedagogia católica. Sgarbi (1997) também nos chama a atenção para esse fato e nos informa que a adesão:

dos escolanovistas católicos aos aspectos mais científicos e experimentais na educação é um ponto realmente revolucionário no bojo das novas ideias surgidas na época. [...] A grande virada da CCBR foi a de passar a se preocupar com as ciências experimentais, que respondiam às necessidades do dia-a-dia dos educadores²⁷.

Diante da perspectiva acima, consideramos legítimo reconhecer a importância do IPE no grupo dos católicos, assim como compreendê-lo como um *locus* privilegiado no qual pode-se desenvolver o campo da experimentação e divulgação dos preceitos do “escolanovismo católico”, entre os anos 1936 a 1938.

Naquele relatório escrito por Everardo Backheuser em 1937, publicado na RBP, o autor apresenta claramente as linhas de orientação que as escolas experimentais deveriam adotar a partir daquele ano. Após traçar algumas considerações sobre a falta de rigor científico da gestão anterior na orientação dos trabalhos, considera que “será entendido, pelas diretoras e professoras das Escolas Experimentais”, a orientação que desejava imprimir, naquele ano, fazendo uso de “úteis instrumentos de investigação pedagógica” (BACKHEUSER, 1937a, p. 5). No parágrafo seguinte, esboça para cada escola experimental um plano para uma melhor organização dos experimentos, indicando, de certo modo, a continuidade e/ou descontinuidade em algumas ações.

²⁷ Op. cit. 1997, p. 170

Nesse sentido, na expectativa de corroborar ainda mais com as nossas análises sobre esse período dos trabalhos desenvolvidos pelo IPE, consideramos oportuno trazer, como exemplo, a experiência desenvolvida na Escola México, escola experimental inaugurada no ano em que Anísio Teixeira deixara o cargo de Diretor Geral da Instrução Pública do Distrito Federal (1931-1935) e que, de certo modo, apresenta mudanças durante a gestão do grupo dos católicos no IPE.

No caso específico dessa escola, Backheuser fornece a seguinte orientação:

A Escola México fixou um ensaio análogo ao da Argentina, com pequena variante as classes que constituíram o sistema Platoon estudarão pelo método de projetos. Esse ensaio permitirá ver facilidades ou dificuldades de articulação das matérias, quando se tratar de desenvolver um projeto em classe especializado. O papel do diretor da escola é, em tal caso, importantíssimo, por que lhe caberá o esforço de coordenação, sem o qual os projetos se tornarão inexecutáveis. Sendo a situação dessa Escola idêntica à da Argentina, quanto ao sistema Platoon, e à da Barbara Otoni, quanto ao método de projetos, aplicam-se lhe as ponderações feitas a propósito daquelas duas²⁸. A sra Orientadora D. Maria Castelo Branco de Oliveira está indicada a acompanhar o ensaio a ser feito na México (BACKHEUSER, 1937a, p. 8).

5.2. A Escola México: uma escola laboratório para os católicos

Eram cinco as escolas laboratórios que foram inauguradas sob a gestão de Anísio: Barbara Ottoni, em 1932; Manuel Bonfim, em 1933; Argentina, em 1932; Estados Unidos, 1934 e Escola México, em 1935. De um modo geral, as cinco escolas buscavam promover estudos de novas ideias e métodos para que pudessem servir de referência aos professores do Distrito Federal. Na concepção de Anísio Teixeira, essas escolas poderiam se constituir como verdadeiro “foco de irradiação do melhor espírito profissional do mestre moderno”, tornando-se centro

²⁸ No caso da escola Argentina, Backheuser (1937a, p. 6) orientou que não fosse organizado o Sistema Platoon para ambos os turnos, tal como vinha sendo feito. Solicitou também que fosse verificado nas experimentais quatro fatores principais: “o meio social, a organização escolar, o professor e os alunos”. No caso da Escola Barbara Ottoni, a experiência com o Método de Projeto deveria ser mantida “como no anterior”, mas que na execução dos projetos fosse “preciso realizar simultaneamente ou sucessivamente as diversas modalidades do processo: excursões, jogos, motivos históricos e execução de pelo menos um trabalho manual” (Backheuser 1937a, p. 5).

de estudos da criança, assim como locus privilegiado de experimentos de recursos e métodos pedagógicos²⁹.

As escolas eram acompanhadas pela Seção de Programas e Atividades Extraclasse (SPA) da Divisão de Pesquisas Educacionais do IPE, criada por meio do Decreto n. 3753 de 1 de fevereiro de 1932 e incorporada ao IPE no momento de sua inauguração³⁰. Vale lembrar que essa seção tinha como objetivo colaborar com os programas escolares, auxiliando e facilitando o trabalho do professor, “fornecendo-lhe todos os elementos necessários à eficiência de sua ação didática”³¹.

A 5ª Escola Experimental do DF teve como primeira diretora a Profª Juracy Silveira, uma das primeiras secretárias da ABE e militante do ideário de Anísio Teixeira. Após a saída dele da direção da Instrução Pública, Juracy Silveira permaneceu no cargo por mais um ano, conforme atesta o relatório assinado por ela em março de 1937 (ABE/Arquivo Pessoal Juracy Silveira). Ao que tudo indica, foi substituída por D. Maria Castelo Branco de Oliveira (BACKHEUSER, 1937a), professora seguidora das orientações de Everardo Backheuser.

Apesar de ter como forma de organização administrativa o Sistema Platoon, o experimentalismo proposto visava a desenvolver na escola, junto a esse sistema de administração escolar, o “método de projeto” como diretriz de aprendizagem.

²⁹ Como afirma Xavier (2007), Anísio defendia a necessidade de enriquecer “os programas com atividades educativas independentes do ensino propriamente intelectual” e, na expectativa de ampliar o tempo de permanência nas escolas sem reduzir o número de séries, idealizava um modelo de escola rico em propostas educacionais, com organização flexível de horário e metodologias inovadoras para o contexto de sala de aula. Assim, para viabilizar a concretização de uma proposta educacional que enriquecesse os programas escolares, foram criadas as Escolas Experimentais. Uma perspectiva conduzida com prudência, mas com pouca timidez, como afirmara Anísio Teixeira (TEIXEIRA, 2007, p. 194).

³⁰ CPDOC/FGV LfIPE11.03.1932 a 23.04.1936 (f0001)

³¹ Os encargos desta seção se baseavam: na preparação de programas e cursos de estudo e horários executados nas escolas; na elaboração de plano de trabalho, centro de interesses, projetos etc; na publicação de monografias e trabalhos técnicos a respeito das pesquisas realizadas; em estudos de programas e cursos de estudo de países estrangeiros; no acompanhamento das publicações pedagógicas nacionais; classificando e traduzindo os livros didáticos e de literatura infantil; no acompanhamento da realização dos programas e cursos de estudos nas escolas do DF; e, por fim, na orientação dos professores frente às suas dúvidas no momento de execução dos programas escolares. CPDOC/FGV LfIPE11.03.1932 a 23.04.1936 (f0006 e 0007).

De acordo com Juracy, a aplicação do Sistema Platoon se justificava principalmente diante da necessidade de programas escolares que assegurassem “a participação do indivíduo na vida social presente”, a partir de recursos “quer de ordem educativa propriamente dita, quer de ordem cultural”. Assim, buscava-se “a melhoria do ensino primário e maior influência educativa por uma escolaridade mais longa e mais contínua” (JURACY, 1937 p. 18).

O Sistema Platoon fora inspirado no sistema de ensino americano, experimentado pelo Professor William Wirt, em 1912, na cidade de Gary (Indiana). Esse sistema de organização escolar busca aproveitar melhor o tempo e espaço, a partir de uma estrutura “onde os alunos não teriam salas fixas, mas circulariam entre elas a partir de um horário pré-estabelecido” de acordo com o seu próprio interesse (CHAVES, 2001, 2010).

Juracy Silveira diferenciava o experimento do Sistema Platoon adotado na Escola México daquele desenvolvido pelo professor norte-americano. A estrutura que se desenvolveu na escola brasileira, apesar da presença de rodízios de turmas organizadas por pelotões, contava também com o regime de semi-internato, o acompanhamento das professoras fundamentais nas classes especiais e a duração das salas especiais em 40 minutos (SILVEIRA, 1937).

A experiência na Escola México se assemelhava àquela vivida na Escola Argentina, a 3ª Escola Experimental do DF projetada por Anísio Teixeira, durante sua gestão à frente da Instrução Pública do Distrito Federal.

Chaves (2010) nos chama atenção para as turmas de semi-internato da Escola Argentina e afirma ter sido “o prenúncio do que, mais tarde, ficou conhecido como sendo a escola de tempo integral”. A mesma autora aponta para o elo entre a quantidade de tempo que os alunos deveriam permanecer na escola e a promoção da escola de tempo integral, no período.

Com certeza, o experimento desenvolvido na Escola Argentina fora mais completo. De acordo com Chaves, todas as séries foram submetidas ao regime de semi-internato e nem todos os alunos almoçavam em casa. Já na Escola México, o aluno alocado no pelotão de semi-internato deveria obedecer aos seguintes critérios: morar próximo à escola, para que pudesse almoçar em casa; frequentar as turmas de quarto e quinto anos - alunos mais velhos poderiam resistir melhor a dias escolares de 9 horas; ter uma condição socioeconômica desfavorável, já que não teria “a assistência e o conforto necessários ao menor padrão de vida

compatível com a dignidade humana”; e, por fim, ser mais inteligente, uma vez que poderia “ter um programa mais rico, de acordo com suas possibilidades, ou poderia acabar o curso em menor tempo” (SILVEIRA, 1937 p. 9).

No entanto, o grande desafio da Escola México não estava somente na aplicação do Sistema Platoon, como foi o caso da Escola Argentina, mas na sua articulação com o ensino por “Método de Projetos”.

A direção da escola entendia que “O sistema Platoon sendo apenas uma organização administrativa”, não seria capaz de determinar “diretrizes de aprendizagem” (SILVEIRA, 1937, p. 20). Assim justificava:

O que caracteriza o projeto são as atividades intrínsecas, sugeridas de uma situação problema, isto é, aquelas que repousam numa necessidade sentida pelo próprio indivíduo. Se o objetivo de aprender é realmente do aluno, não vejo perigo de que este objetivo se fragmente e se desorganize pelo simples fato de que ele deva buscar, nas diferentes salas, os conhecimentos, as habilidades, as técnicas necessárias à sua realização (...) desse modo, a atividade inicial desdobrará em novas e variadas atividades. E neste aspecto, o Platoon reflete melhor a vida com todas as suas exigências e solicitações.

A diretora da escola julgava não ser incompatível o “ensino globalizado” por projetos e a “departamentalização exigida pelo Platoon” (SILVEIRA, 1937, p. 20), mas considerava de igual importância verificar até que ponto era possível a realização de projetos dentro da organização sugerida.

Além da estrutura acima, a Escola México contava com o desenvolvimento do “Clube de Saúde, Clube Literário, Hora do Conto, Jornal Escolar e Club Pan Americano” (SILVEIRA, 1937, p. 17), que eram realizadas na biblioteca, no auditório e nas salas ambientes, assim como os projetos de aprendizagem. Segundo Silveira:

O Auditório é no plano, o elemento de integração e de socialização. É, ao mesmo tempo, força propulsora e força centralizadora das atividades escolares. [...] Na escola, as professoras encarregadas do auditório são as naturais coordenadoras dos trabalhos³²

A chefe da Seção de Programa e Atividade Escolares (SPAE), Alcina Backheuser, em 1937, ano em que o IPE já se encontrava sobre a gestão de Backheuser, manifestava algumas preocupações na realização dessas atividades “sociais da escola” (BACKHEUSER, A., 1937, p. 247), termo utilizado pela própria

³² SILVEIRA, 1937, p. 17.

Alcina. Em um artigo publicado na RBP, naquele ano, a responsável pelo SPAE buscava fornecer algumas orientações para o leitor que desejasse adotar as atividades extraclasse. As informações contidas naquele artigo eram derivadas de resultados das pesquisas desenvolvidas nas escolas experimentais. Para a autora, o inquérito promovido pelo IPE conseguiu localizar alguns problemas correspondentes a essas atividades.

De acordo com a autora, as experiências extraclasse:

têm como finalidade educativas primordiais a socialização dos alunos e o desenvolvimento do espírito de iniciativa, elemento, ambos, indispensáveis à formação da personalidade. Estabelecem ligações entre a vida e a escola, habituando os educandos a resolver e agir por si mesmos. Válvulas de escape para inquietação natural da criança, tais atividades facultam aos alunos a expansão de sua tendência criadora, canalizam as suas observações, experiências e estabelecem, ainda, uma motivação aos seus estudos e empreendimentos³³.

Na concepção de Alcina, o professor, em uma atividade extraclasse deveria se tornar “um companheiro dos alunos”, mas, para que a atividade fosse “eminentemente educativa”, seria necessário:

“porém, de ser pedida pela escola, si não couber efetivamente aos alunos a direção das atividades sociais. Nesse caso, que tem sido o mais comum, tais atividades entopem a vida da escola, embargam os surtos do ensino moderno, atam o professor e manietam os discípulos”³⁴..

Para a autora, era frequente pais e responsáveis alegarem que “a orientação moderna da escola afastava as professoras de seus deveres de classe”³⁵. E, ao que tudo indica, essa também era uma preocupação da chefe da SPAE:

Professores abandonam a sua classe para atender as outras funções na escola, pois não há benefícios decorrentes da Caixa Escolar, da Cooperativa ou mesmo da Assistência Alimentar que supram os prejuízos ocasionados a criança de vários meios sociais pelo fato de se as deixarem entregues a se mesmas, desocupadas, e dispostas, portanto, a tirar partido da situação conforme lhe sugere o seu próprio entendimento.

Era muito importante que as escolas que fossem adotar a atividade extraclasse pudessem contar com as “professoras assistentes”, assim como aconteceu nas atividades das escolas experimentais. Segunda Alcina:

³³ Id, p. 247

³⁴ Id, p. 248.

³⁵ Id, p. 249.

Há, em tais escolas, professoras assistentes da Seção de Ortofrenia e Antropometria que se encarregam unicamente desse serviço especializado. Não existe, assim, prejuízo da classe, nem do professor obrigado, acaso, a dobrar turno, para o desempenho de sua comissão, nem da obra social de que se incubem, pois os melhores e mais produtivos esforços, lhe deverão ser dados pelos mestres³⁶.

Para Alcina o professor deveria ser “reintegrado em sua classe propriamente dita”, pois assim:

estará tudo em seus eixos e, escolas ativas, escolas modernas, escolas progressistas, ou que outro nome tenham, poderão ensinar e educar em paz, com o ritmo normal de trabalho e o necessário aproveitamento da criança, sem que se forme em seu derredor um desagradável coro de reclamações³⁷.

Alcina Backheuser, assim como outros chefes das seções do IPE, elegeu as escolas experimentais como laboratório de experimentação do escolanovismo católico. De certo, alguns projetos não foram alterados e seguiram a mesma linha de atuação prescrita em anos anteriores. No entanto, o caso da Escola México chamou-nos bastante atenção.

Consideramos que o projeto desenvolvido pelos alunos dessa escola chamado "Indianismo", em homenagem a comemoração do centenário de Carlos Gomes, poderá contribuir com nossas análises.

O projeto foi publicado na íntegra pela RBP (SILVEIRA, 1937). O artigo fora assinado por Alceu da Silveira que, ao que tudo indica, era o pseudônimo utilizado pelo Padre Helder Câmara em homenagem a dois intelectuais que muito admirava: Alceu Amoroso Lima e Tasso da Silveira (LIMA, 2002). De acordo com Stang (2008, p.191), o posicionamento do Padre Helder Câmara muitas vezes foi conservador, mas, com o passar dos anos, o intelectual se transformara “num divulgador entusiasta da ciência e das premissas da Escola Nova e até mesmo de seu grande expoente John Dewey”.

Nesse artigo, Silveira afirma que “não custou às catequistas da Escola México ligar o catecismo ao interessante processo de ensino experimental no Distrito Federal” (SILVEIRA, 1937, p. 171). Afirma ainda que as professoras tiveram “ocasião propícia para ensinar catecismo dentro de pleno método de projetos”.

³⁶ Id, p. 250

³⁷ Id, p. 250

Ana Magaldi (2006, p. 6) chama atenção para a presença do ideário católico numa instituição pública de formação de professores no Rio de Janeiro, nos anos de 1930, o Instituto de Educação, e afirma que a Igreja Católica encontrava-se muito próxima ao Governo de Getúlio Vargas e que valores cívicos e religiosos apareciam muito interpenetrados, sendo estimulados por meio de estratégias diversas durante o período. Para esta autora, “não seria surpreendente observar a presença do ideário católico em uma instituição pública de formação de professores”.

No caso da Escola México, a presença interpenetrada de valores cívicos e religiosos também aparece de modo claro no projeto “Indianismo”, que tinha como objetivo “despertar o amor das coisas do Brasil, orientar o sentimento da arte na criança, através do estudo de motivos nacionais nas letras e nas artes” (SILVEIRA, 1937, p.171). Conteúdos de linguagem, ciências sociais, ciências naturais, biblioteca, matemática, desenho e música foram direcionados de acordo com o projeto, e as referências principais utilizadas foram a literatura de Gonçalves Dias, José de Alencar e, naturalmente, a composição de Carlos Gomes.

Merecem destaque as orientações quanto à articulação com a religião, que fora “prevista pelas professoras da escola” (SILVEIRA 1937, p. 172). Durante o desenvolvimento do projeto “Indianismo”, caberia à professora articular o estudo a cinco temas centrais: “A religião dos índios - religião primitiva. A introdução do catolicismo no Brasil. Os jesuítas. A catequese. O sentimento religioso”³⁸.

Cabe então a indagação: teria a Escola México se tornado uma escola laboratório para os católicos ao misturar o método de projeto e a instrução para a catequese? Em nossa concepção, sim. Essa afirmativa torna-se pertinente principalmente ao considerarmos o tempo em que o IPE esteve sob a gestão de Everardo Backheuser e, do mesmo modo, os resultados de pesquisas publicados pela RBP sobre os estudos e inquéritos realizados por aquele órgão.

³⁸ Algumas “anotações catequéticas” foram publicadas nesse mesmo artigo para que professoras interessadas pudessem seguir os caminhos do Projeto da Escola México: “Tupan dos indígenas era o Deus verdadeiro? Tupan era só? Havia mais de uma pessoa em Tupan? (leituras e indagações de acordo com a capacidade da classe). Ensino de Deus e da S. S. Trindade; Os índios julgavam que tudo tinha sido feitos por Tupan? (De novo indagações e leituras). Ensino de Deus criador; Os índios tinham ideia do paraíso terrestre e do pecado original?;Tupan era homem, Tinha corpo? Encarnação do Filho de Deus. (id).

No ano de 1938, a Revista tem publicação interrompida sem deixar vestígios. Strang (2008, p. 147) conjectura a possibilidade de ter sido “um dos efeitos desmobilizadores do novo regime, pois, assim como a CCBE desaparece, a ABE também sofre um declínio considerável no período”.

Consideramos que esse mesmo efeito tenha atingido o IPE. De 1939 a 1940 não foi possível localizar vestígios dessa instituição durante o levantamento das fontes de pesquisa.

Euryalo Cannabrava, no segundo semestre de 1938, substitui Everardo Backheuser no cargo de diretor do órgão. Na Revista, foi possível localizar um único artigo referente a isso, com o título “Assimetria nas Distribuições de Frequência dos Resultados do Teste”, assinado por Jacyr Maia (1938). Depois desse período, a Revista se cala e as fontes sobre o IPE se esgotam.

Como dito na parte introdutória desta tese, de acordo com Almeida (1993, p. 29), em março de 1940, o IPE passa por uma reforma e muda a sua nomenclatura para Centro de Pesquisas Educacionais (CPE).

Agora não mais com a finalidade idealizada e implementada por Anísio Teixeira, mas, sim, objetivando o planejamento, a organização, a execução e o controle de toda a pesquisa auspiciada pela Secretaria Geral de Educação e Cultura, apoiada em três serviços: os de Antropometria, Medidas e Programas, e Ortofrenia e Psicologia.

Ainda de acordo com a autora, o órgão, atendendo aos interesses do poder central, funcionava com o objetivo de:

recrutar jovens para a guerra e prepará-los [...] diversificando, assim, em suas finalidades, o CPE apresentou, em outubro de 1942, um plano que incluía a realização de exames neuropsíquicos daqueles que candidatassem a trabalhar nos vários setores, cujas atividades direta ou indiretamente, se relacionava com a situação bélica (ALMEIDA, 1993, p. 30).

Não se sabe ao certo o tipo de trabalho que foi desenvolvido nessa nova instituição e como as seções foram sendo formatadas de acordo com as novas ordens.

Desse modo, consideramos plausível afirmar que, no ano de 1939, de acordo com o novo regime político do período, o IPE vivencia um enfraquecimento de suas ações e deixa de realizar o tipo de pesquisa que vinha produzindo desde o início de sua formação.